

A TRADIÇÃO ENSAÍSTICA E A BUSCA POR AUTONOMIA NA CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA E ÍBERO-AMERICANA

TRADITION ESSAYISTIC AND SEARCH FOR AUTONOMY LITERARY
CRITICISM IN BRAZIL AND IBEROAMERICANA

Keila Mara de Souza Araújo MACIEL¹⁸

RESUMO: O artigo analisa os fatores estruturais e sócio-culturais que fizeram do ensaio a forma de escrita mais contemplada pela crítica literária íbero-americana. Simultaneamente às definições que configuram o ensaio enquanto forma textual, acompanha-se a trajetória do ensaio na história da produção crítico-filosófica do ocidente, com o intuito de compreendermos as contribuições do ensaísmo para a autonomia do pensamento crítico nos países íbero-americanos. Para esse fim, recorreremos aos estudos de pesquisadores como Liliana Weinberg, no livro *Situación del ensayo* (2006), José Luis Gómez-Martínez (1981) em *Teoría del ensayo*, Alexandre Eulálio, o primeiro teórico a dedicar-se ao estudo do ensaio no Brasil, autor da clássica análise crítica e historiográfica intitulada "O ensaio literário no Brasil"; e Orlando Lopes em *O ensaio como tese, a tese como tese, a tese como ensaio* (2011).

PALAVRAS-CHAVE: ensaio; crítica literária, autonomia.

ABSTRACT: The article analyzes the structural and socio-cultural factors that have made of the essay the most contemplated form of writing by the Ibero-American literary criticism. Simultaneously, the settings that configure the essay as textual form, runs along the trajectory of the essay in the history of the western critical-philosophical production, in order to understand essays contributions to the autonomy of critical thinking in the Ibero-American countries. To this end, we turn to the studies of researchers such as Liliana Weinberg, in the book *situación del ensayo* (2006), José Luis Gómez-Martínez (1981) in *Teoría del ensayo*, Alexandre Eulalio, the first theorist to devote himself to the study of the essay in Brazil, author of classic-critical and historiographical analysis entitled "O ensaio iterário no Brasil"; and Orlando Lopes in *O ensaio como tese, a tese como tese, a tese como ensaio* (2011).

KEYWORDS: test; literary criticism, autonomy.

¹⁸Mestre em Letras, pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES; Doutoranda em Letras, pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES; Bolsista FAPES – Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo.

INTRODUÇÃO

O ensaio desde a experiência inaugural de Michel de Montaigne em 1580, com a publicação de *Ensaaios*, assume postura revolucionária em relação à tradição intelectual vigente. A escrita de Michel de Montaigne se contrapõe à normatização do quadro tradicional do pensamento renascentista, que tendia para uma crescente investida na instrumentalização da filosofia.

Os *Essaios* recobram o espaço da reflexão pessoal na atividade crítica, respondendo à urgência de religar o pensamento filosófico às apreensões da experiência vivida. A partir de Montaigne o ensaio difundiu-se pela Europa, e encontrou ambiente fértil entre os intelectuais da Espanha, com destaque para José Ortega Y Gasset, o filósofo militante que escreveu durante a primeira metade do século XX e construiu um pensamento combativo, que pretendia revolucionar a filosofia, redirecionando a estudo racional, que em vez de instaurar verdades absolutas, faria um caminho de retorno à experiência humana na vivência sensível.

Quando chega à América-Latina, o ensaio passa a ser a linguagem dos intelectuais revolucionários, que lutavam pela independência política e cultural em relação aos países colonizadores. Com a revisão historiográfica pretende-se, portanto, compreender o contexto das épocas em que o ensaio ganhou notoriedade, e assim identificarmos o sentido da ação do ensaio na produção e na recepção da crítica literária nos países ibero – americanos.

O ENSAIO E A AUTONOMIA DO PENSAMENTO CRÍTICO

A indefinição que envolve o ensaio, enquanto estrutura textual está presente desde a significação etimológica. O termo ensaio deriva da palavra *exagium*, que, em latim, remete ao ato de pensar, tanto de maneira exata, como também em sentido de tentativa, experiência. O verbo ensaiar – relacionado ao

sentido de “examinar”, experimentar uma forma de análise, por à prova um pensamento – relaciona-se, a partir do Renascimento, ao interesse pela construção do discurso que surge desde a observação e a experimentação (WEINBERG, 2006, p. 204). Então, se considerarmos o ensaio uma estrutura textual que se caracteriza pela presença da voz autônoma do autor, que se dispõe a refletir sobre o mundo, e que pretende transpor na linguagem sua visão própria, podemos dizer que há ocorrência do ensaísmo antes de Michel de Montaigne e os *Essais* (1580). Desde a Antiguidade algumas nuances do ensaio estão presentes nas obras dos pensadores, a exemplo da *Poética*, de Aristóteles, os *Diálogos*, de Platão, as *Meditações*, de Marco Aurélio e os escritos de Sêneca.

Contudo, foi Montaigne o primeiro a conceituar o ensaio como organização textual do pensamento reflexivo (MOISÉS, 2012, p. 697). “O interesse pela análise do indivíduo em razão de sua própria singularidade, independentemente das qualidades de que poderia ser provido, afirma-se no século XVI com Montaigne e seus contemporâneos” (TODOROV, 2008, p. 113). As contribuições de Michel de Montaigne para a cultura renascentista francesa não está relacionada apenas à descoberta do homem histórico, que procura no tempo o diálogo com valores antigos com os modelos culturais dos gregos e romanos.

O autor dos *Essaios* concentra-se no “despertar cultural, que caracteriza desde o início o Renascimento, (...) com uma afirmação renovada do homem, dos valores humanos nos vários domínios: desde as artes à vida diária” (GARIN, 1991, p. 9).

O pensamento montaigneano, equilibrando-se entre a vida contemplativa e a vida ativa, com participação nas articulações sociais da política e da cultura, passou a ser referência para a configuração do homem do renascimento, o humanista “que através de sua atividade altera a sua posição social, intervém na vida da cidade, especializa as suas relações com os outros; o humanista, o notário” (GARIN, 1991, p. 10-11). A filosofia de Michel de Montaigne torna-se primordial para a fundamentação do humanismo durante o Renascimento europeu, pois os

Ensaio centralizam o homem como principal preocupação e experimenta a vivacidade da racionalidade humana. “É o desenvolvimento de uma filosofia do homem, que implica uma teoria da sua formação, da sua educação” (GARIN, 1991, p.11).

Em Portugal, os primeiros passos da escrita ensaística aparecem nos escritos de D. Duarte, em *O Leal Conselheiro* (século XVI), e tem continuidade nos dois séculos seguintes, com Antônio Nunes Ribeiro Sanches e as *Cartas sobre a Educação da Mocidade* (1747), Cavaleiro de Oliveira em *Recriação Periódica* (1751) e Matias Aires e as *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens* (1752). No século XIX, destacam-se autores com evidente vocação ensaística, como Herculano (*Opúsculos*, 1873 – 1908), e Antero (*Prosas*, 1923), que assim como Herculano apresentam pensamento franco e utópico, característico do ensaísta; e também Muniz Barreto que concentrou vigor ensaístico em obras ficcionais.

O auge do ensaísmo português, no entanto, se engloba entre os escritores do século XX, a começar com o nome de maior vocação ensaística, Antônio Sérgio e os *Ensaio*, escritos entre 1920 e 1958. A partir desse período o viés ensaísta manteve-se presente nas obras de autores que se eternizaram na literatura, a exemplo de Fernando Pessoa, Leonardo Coimbra, Eduardo Lourenço, Fidelino de Figueiredo, Álvaro Ribeiro, Antônio Quadros, e o ensaísta que escreveu romances com maestria¹⁹, José Saramago (MOISÉS, 2011, p. 598).

Na cultura hispânica, características mais abrangentes do ensaio, como a tendência individualizadora, são encontradas nos escritos de Fray Antonio de Guevara, e assim inicia-se a tradicional cultura ensaística espanhola. *Las Epístolas familiares* (1542), a obra mais importante de Guevara, é composta por textos com propriedades muito fortes do ensaio, embora a ideia de ensaio como gênero textual ainda não tivesse sido formulada. Nesses textos são discutidos valores permanentes da sociedade, discussões sobre a liberdade, a política e as relações entre as pessoas.

¹⁹ José Saramago declarou “sou um bom ensaísta que escreve romances, talvez porque não tive quem me ensinasse a escrever ensaios”. Entrevista concedida a Horácio Costa, publicada pela Revista Cult (edição 17), 1998.

Ainda no século XVI, nas décadas seguintes, os textos com viés ensaístico tornaram-se mais frequentes na Espanha, e adquiriu aspectos mais harmônicos, com claras marcas de individualidade. Assim nomes como Fray Luis de Granada, Santa Teresa de Jesús y Fray Luis de León deram suas contribuições à continuidade do ensaísmo espanhol, que durante o século XVIII encontrou espaço fecundo para aperfeiçoar-se com a criação e difusão de revistas e periódicos, seguindo os passos da imprensa inglesa que fundou *The Tatler* y *The Spectator*.

Assim surgiram periódicos importantes como o *Diario de los literatos de España* (1737), *El Caxón de Sastre* (1760), *Correo de Madrid* (1786) e *El Censor* (1781), que cultivaram o ensaísmo no país (GÓMEZ-MARTÍNEZ, 1981, p. 26).

Nos séculos XIX e XX, o ensaio desenvolveu-se de forma tão abrangente e participativa na sociedade espanhola que determinou a difusão das obras de pensadores espanhóis pelo mundo, a exemplo de José Ortega Y Gasset, referência primordial para o ensaísmo. Essa mesma postura ganha ainda mais força nos países de colonização hispânica da América, e assim tem início à intensa tradição ensaística íbero-americana:

En los países iberoamericanos la resonancia del ensayo es todavía más marcada. Desde sus inicios en la lucha ideológica por la independencia, con la obra de un José Joaquín Fernández de Lizardi o de un Simón Bolívar, a la búsqueda posterior de la propia identidad, la literatura iberoamericana se caracteriza por una fuerte producción ensayística ininterrumpida hasta nuestros días. Así los ensayos de Andrés Bello, Juan Bautista Alberdi, Francisco Bilbao, José María Luis Mora, Juan Montalvo, Eugenio María Hostos o José Martí, por citar sólo los más destacados. Y ya en el siglo XX, el ensayo va a marcar la pauta del desarrollo intelectual iberoamericano desde las primeras obras de repercusión continental de José Enrique Rodó, Manuel González Prada, José Vasconcelos o José Carlos Mariátegui, hasta el actual reconocimiento internacional de Octavio Paz (GÓMEZ-MARTÍNEZ, 1981, p. 26).

Nos países hispano-americanos, o ensaísmo assume proporções tão essenciais à cultura que passa a integrar de forma determinante a produção literária

de muitos dos escritores latinos mais importantes como Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Alfonso Reyes, Eduardo Mallea, Germán Arciniegas, Mariano Picón Salas, Ernesto Sábato, Arturo Uslar Pietri, Rosario Castellanos, H. A. Murena, Leopoldo Zea, Julio Cortázar, Carlos Monsiváis, Ariel Dorfman e Mario Benedetti (GÓMEZ-MARTÍNEZ, 1981, p. 27). Por ser uma escrita que prioriza a reflexão pessoal e independente, o ensaio revelou o pensamento desses intelectuais que direcionaram a ideologia de autonomia cultural dos países íbero-americanos.

A Íbero-América reivindicava voz autônoma após trezentos anos de colonização, e o ensaio foi capaz de oferecer possibilidades expressivas não conformadas com as normas e expectativas da “enunciação colonizada”. Liliana Weinberg retoma Carlos Hamilton para destacar que faz parte da essência do ensaio despertar consciências em períodos de crise, o que se evidenciou de forma mais expressiva a partir do no romantismo sul-americano, na voz que começava a exigir liberdade política e econômica, utilizando a força da cultura autêntica que já se apresentava materializada no pensamento crítico (WEINBERG, 2006, p. 265). “El propio carácter combativo y fundacional del ensayo refuerza su papel de mediador y la remisión al punto de vista del narrador-intérprete de los acontecimientos enfatiza a su vez e lacto productor del relato mismo” (WEINBERG, 2006, p. 270).

Assim, os países colonizados se tornam espaços nos quais a mentalidade ocidental moderna (e de seus instrumentos, incluindo aí a imprensa e a ideologia) favoreceu o desenvolvimento da expressão ensaística por diversos motivos: por questões de ordem estética, pois nos países latinos de língua espanhola, o ensaio foi assumido de forma mais específica como recurso textual, como “gênero literário”; devido a sua adaptação ao discurso político-ideológico. Nesse contexto, o ensaísmo constituiu “uma espécie de estratégia discursiva capaz de amenizar, senão abolir, as dinâmicas mecânicas hegemônicas de controle e censura”; e pela ordem pragmática, devido a suas configurações linguísticas assumirem “forma

privilegiada de ‘ato de fala’, capaz de incidir sobre a própria configuração dos sistemas das mentalidades e da formação das ideologias” (LOPES, 2011, p. 23)

Sob uma visão ampla, que compreende o ensaio como escrita dotada de preocupação estética e fruição discursiva, podemos dizer que, no Brasil, o ensaísmo teve início com a *Carta* de Pero Vaz de Caminha, que encontrou continuidade nos registros de viajantes, missionários e colonos, que escreviam sobre as novidades encontradas no novo território, na tentativa de compor uma configuração que fosse capaz de descrever a nova terra às autoridades europeias, em especial, aos colonizadores portugueses. Nesta mesma perspectiva somam-se à carta de “descobrimento” os *Diálogos das Grandezas do Brasil* (1618), de Ambrósio Fernandes Brandão, e *Cultura e Opulência do Brasil* (1711), do jesuíta André João Antonil. No século XIX a presença da postura ensaística exprime-se nos escritos *Máximas, Pensamentos e Reflexões* (1850), de Marquês de Maricá (MOISÉS, 2012, p. 598).

Com o aparecimento do folhetim no Romantismo, o texto ensaístico passou a integrar esse espaço de ampla receptividade, destinado a oferecer uma literatura amena ao leitor, e tornou-se indispensável para os intelectuais. Devido à vivacidade e força de abrangência que alcançou, o folhetim se consolidou como uma disputada instância de consagração para escritores de literatura e também críticos de cultura. Alexandre Eulálio, o primeiro teórico a dedicar-se ao estudo do ensaio no Brasil, destaca, no texto “O ensaio literário no Brasil”, o importante papel que o folhetim desempenhou no desbravamento que trouxe para o meio intelectual a voz pioneira do discurso coloquial. Segundo Eulálio, “através de contato direto e constante com o público letrado, do qual ao mesmo tempo acompanha e dirige o gosto, essa prosa será o veículo mais direto para a decisiva oralização da língua literária” (EULÁLIO, 2013, p. 25-26).

Os folhetins que abrigavam nos jornais textos de criação literária e de reflexão crítica deu origem aos periódicos, que se tornaram o espaço que os escritores e críticos românticos necessitavam para contornar as imposições

editorias que ditavam métodos rigorosos e acessíveis apenas a especialistas. Por configurarem-se dentro de parâmetros mais independentes, os folhetins alcançaram grande relevância no cenário cultural brasileiro, atribuída em grande parte a sua capacidade de alcance, o que favorecia uma democratização do saber que se contruía em torno da literatura, da filosofia e das artes com um todo.

O ensaísmo encontrou nos periódicos ambiente propício para fortalecer a autonomia do pensamento crítico, que, isento das obrigações dos métodos escolásticos, podia expandir no meio intelectual o conhecimento de caráter reflexivo e subjetivo. Nos periódicos “o ensaio tem, assim como outros gêneros, as mais diferentes oportunidades de se experimentar: crônica das novidades do dia, crítica de livros, de ideias, política, música, artes plásticas, teatro – tudo encontra lugar na folha” (EULÁLIO, 2011, p. 25-26). Jornal do Comercio, Marmota Fluminense, Gazeta Actualidades, Correio Mercantil, diário do Rio de Janeiro, Gazeta de Notícias, Cidade do Rio atuaram como verdadeiras coletâneas da atividade cultural, nos quais circulavam estudos dos mais importantes teóricos da nova escola romântica, como Abreu e Lima, Amílho Adet, Santiago Nunes Ribeiro, Joaquim Norberto, Paula Meneses, Dutra e Melo, que, influenciados pelo espírito da imprensa europeia, trabalharam pela expansão da teoria da crítica romântica.

A crítica viva, conforme nomeou Antônio Candido, contou com a participação de autores de literatura como Junqueira Freire, Álvares de Azevedo, Francisco Otaviano, José de Alencar, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Bernardo Guimarães. Os grupos formados em torno dos periódicos especializados passaram a compor blocos editoriais alternativos, que mantinham diálogo constante, e nem sempre amistosos, visando consolidar fundamentos para a formação de uma teoria da literatura brasileira. A interação entre os diferentes núcleos intelectuais ocorria, muitas vezes, de forma conflituosa. No entanto naquele contexto de lideranças isoladas e centralização de influências, a polêmica presente nos ensaios críticos que assumiam tom satírico “tem a vantagem de colocar os assuntos artísticos na ordem

do dia, dando-lhes um interesse que de outra maneira jamais conseguiriam” (EULÁLIO, 2013 p. 33).

É nesse clima de aprofundamento do estudo teórico, que os literatos, visando ainda mais autonomia e clareza para expor suas propostas, criam as revistas literárias especializadas e logo se consolidam como principal meio de divulgação das ideias que solidificaram os movimentos literários no Brasil. As revistas literárias impediram que o ensaísmo crítico produzido ficasse “totalmente dependente do jornalismo e limitado de modo decisivo pelas contingências da imprensa diária” e ofereceu espaço propício para o “ensaio de ideias– crítico, interpretativo, histórico – (...) se expandir conforme as suas próprias necessidades” (EULÁLIO, 2013, p. 34-35). Apesar do êxito do trabalho desenvolvido pelas revistas de estudos literários e crítica cultural – a exemplo de *Minerva Brasiliense*, *Íris*, *O Beija-Flor*, *Guanabara*, *Revista Popular*, *Biblioteca Brasileira*, *Novo Mundo*, *A Semana* e *Revista Brasileira* – suas publicações tiveram tempo reduzido, devido a dificuldades financeiras e administrativas.

Não poderia ser diferente, naquele meio onde todas as dificuldades cerceavam o trabalho intelectual. Num país de senhores e escravos sem tradição de cultura, contando com um público dos mais diminutos, dentro da escassíssima minoria alfabetizada, os periódicos que não tenham espírito compilador de almanaques ou jornais do lar sucedem-se uns aos outros, e só não desaparecem de todo devido ao entusiasmo quase adolescente dos colaboradores. (EULÁLIO, 2013, p. 35)

A notoriedade alcançada pela crítica literária no fim do século XIX revelou intelectuais externos ao eixo do sudeste. A Escola de Recife, por exemplo, tornou-se referência para o pensamento crítico autônomo, e propunha a atualização do meio intelectual brasileiro. Os membros que alcançaram maior destaque são Tobias Barreto, Sílvio Romero e Joaquim Nabuco (ROCHA, 2011, p. 82). Esse núcleo propunha pressupostos filosóficos e estéticos alternativos para a literatura e contestava a hegemonia dos intelectuais da Corte de Dom Pedro II, que

centralizava as atenções no sudeste. Machado de Assis, devido à notoriedade de sua obra e às funções institucionais que desempenhava no meio literário, era o principal alvo de Silvio Romero. O sentido do gesto combativo de Silvio Romero simbolizava, segundo João Cezar de Castro Rocha, uma reação de grupos de escritores que “almejavam alterar a hierarquia dos valores da vida intelectual, deslocando o autor de Dom Casmurro do centro do cânone” (ROCHA, 2001, p. 90).

Nesse clima de tensão travado nos livros de crítica literária e, principalmente nas páginas de jornais destinados à cultura, os grupos de intelectuais trocavam ataques, e era indispensável ler e argumentar sobre as obras dos autores envolvidos, o que fomentou a produção crítica da época. Em meio ao embate que discutia os novos parâmetros para o meio intelectual, o ensaio ofereceu, especialmente à crítica literária, uma importante liberdade de criação, e contribuiu para que a autonomia cultural brasileira começasse a se fortalecer, em relação a condução europeia. Afinal, ao garantir espaço para o auto-exercício da razão, voltado para a produção literária brasileira, o ensaio concretiza também a abertura de um espaço capaz de voltar-se para a cultura nacional, e para a valorização de seus autores.

O ensaio, estrutura textual assistemática e volátil, tão adequada às épocas de transição, atendeu às demandas discursivas da intensa e conflituosa produção crítica do Romantismo, e contribuiu para a organização das ideias que fundamentavam a luta pela formação de uma identidade cultural independente. O ensaísmo representou a voz autônoma dos autores e pesquisadores que se rebelavam contra os parâmetros europeus que pesavam sobre os países colonizados. Foi um processo de lenta maturação que ganhou maior visibilidade com o grito nacionalista dos românticos. O ensaísmo compôs esse esforço que cobrava autonomia, e consolidou-se nesta “fase culminante da nossa afirmação — a Independência política e o nacionalismo literário do Romantismo — se processou por meio de verdadeira negação dos valores portugueses, até que a autoconfiança

do amadurecimento nos levasse a superar, no velho diálogo, esta fase de rebeldia” (CANDIDO, 2006, p. 117).

No início do século XX, ensaio se configura de forma mais plena, e desenvolve-se na crítica cultural, nos estudos sociais, e na crítica literária. É quando se elevam nomes como Paulo Prado (*Retrato do Brasil*, 1928), Gilberto Freyre (*Casa-Grande & Senzala*, 1933), Sérgio Buarque de Holanda (*Raízes do Brasil*, 1936), e Fernando de Azevedo (*A Cultura Brasileira*, 1943). Mário de Andrade, o escritor que junto à Oswald de Andrade encabeçou o movimento modernista no Brasil, manteve evidente o viés *ensaísta* em sua escrita, seja na representação do processo de urbanização na poesia de *Pauliceia Desvairada* (1922), seja nos ensaios propriamente ditos, centrados na reflexão crítica, como em *A Escrava que não era Isaura* (1924) e *Aspectos da literatura brasileira* (1943). Mário de Andrade exaltava a liberdade do pensamento autêntico e pessoal: “Por muitos anos procurei-me a mim mesmo. Achei. Agora não me digam que ando à procura de originalidade, porque já descobri onde ela estava, pertence-me, é minha” (ANDRADE, 1987, p. 74).

É característico dessa geração o fato de toda ela tender para o ensaio. Desde a crônica polêmica (arma tática por excelência, nas mãos de Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Ronald de Carvalho, Sérgio Buarque de Holanda), até o longo ensaio histórico e sociológico, que incorporou o movimento ao pensamento nacional, — é grande a tendência para a análise. Todos esquadrinham, tentam sínteses, procuram explicações. Com o recuo do tempo, vemos agora que se tratava de redefinir a nossa cultura à luz de uma avaliação nova dos seus fatores. Pode-se dizer que o Modernismo veio criar condições para aproveitar e desenvolver as intuições de um Sílvio Romero, ou um Euclides da Cunha, bem como as pesquisas de um Mina Rodrigues. (CANDIDO, 2006, p. 129-130)

As vertentes teóricas que direcionavam os modernistas em diferentes motivações que “tendiam para a erudição pura, para o combate ideológico, para crítica estética, sociológica ou sincrética” (EULÁLIO, 2013, p. 47), em torno das

quais se formavam grupos de pesquisa e criação. A vivacidade das interações entre os autores e entre as áreas do conhecimento fomentou, como nunca antes, a escrita ensaística. “A oposição estilística e artesanal dos “futuristas” – Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Antônio de Alcântara Machado – será muito fecunda no sentido da síntese que irão realizar, à procura de um discurso ricamente plástico, que vai se aproveitar das novas conquistas, mas não deixará de utilizar a tradição” (EULÁLIO, 2013, p. 47).

Além de romper com os moldes estruturais da tradição clássica, os autores modernistas fizeram nascer uma literatura nacional autêntica, que pretendia incluir os elementos da cultura brasileira não apenas ao tema desenvolvido nas obras poéticas e de ficção, mas que também criar formas heterogêneas de composição para a escrita, que fossem capazes de abrigar a diversidade cultural brasileira. Fez parte desse projeto denunciar a segregação cultural, tão alarmante que fazia emergir a artificialidade da sociedade brasileira desenhada na literatura nacional. A esse respeito, Antônio Candido, o mais caro dos ensaístas para os estudos literários, salientou que no modernismo “a inteligência tomou finalmente consciência da presença das massas como elemento construtivo da sociedade”, num processo de convergência, no qual “a consciência popular amadurecia, ao mesmo tempo em que os intelectuais se iam tornando cientes dela” (CANDIDO, 2006, p. 142).

A atitude renovadora dos modernistas encontrou no ensaio, “o menos imaculado dos gêneros” (BARRENTO, 2010, p. 24)²⁰, a sustentação constitutiva que daria fôlego argumentativo à revolução cultural pretendida. “O que se poderia, no melhor sentido, chamar de libertinagem espiritual do Modernismo contribuiu para o fermento de negação da ordem estabelecida, sem o qual não se desenvolvem a rebeldia social e o conseqüente radicalismo político” (CANDIDO, 2006, p. 142).

²⁰ O crítico literário português João Barrento, publica o livro *O Gênero Intranquilo: anatomia do ensaio e do fragmento*, estudo denso e essencial no qual enfatiza o caráter herético do ensaio e sua função na renovação da filosofia e da crítica que teve início com o Romantismo alemão, extensamente estudado por Walter Benjamin, que será a principal referência de sua pesquisa sobre o ensaio.

Um autor como Gilberto Freyre, que parece hoje um sociólogo conservador, significou então uma força poderosa de crítica social, com a desabusada liberdade das suas interpretações. A destruição dos tabus formais, a libertação do idioma literário, a paixão pelo dado folclórico, a busca do espírito popular, a irreverência como atitude: eis algumas contribuições do Modernismo que permitiriam a expressão simultânea da literatura interessada, do ensaio histórico-social, da poesia libertada (CANDIDO, 2006, 142-143).

A partir do movimento modernista, o ensaio naturalizou-se no meio literário e esteve presente na composição ficcional ou poética das obras, e também na atividade da crítica, oferecendo maior fluidez ao estudo da crítica, num momento em que os sistemas técnico-teóricos de viés estruturalistas já não eram suficientes para analisar os componentes estéticos da literatura, devido à limitação aos aspectos estruturais da escrita. O ensaio contribuiu também para o diálogos entre a literatura e as diversas vertentes da intelectualidade, e mediou o intercâmbio entre os códigos e as esferas discursivas, dando origem aos ensaios literários, filosóficos, jornalísticos, antropológicos e sociológicos.

Na segunda metade do século XX, o ensaísmo novamente reforça a voz combativa e libertária, desta vez contra os regimes totalitários impostos aos países íbero – americanos, numa nova e inescrupulosa retomada do domínio colonizador, representado pelo capitalismo norte-americano, que não arriscaria ver a América expondo-se em diversidades, e criando estruturas capazes de emancipar as economias e a cultura desses povos. O ensaio abrigou a linguagem poética no pensamento crítico, e permitiu, em muitos momentos, driblar a censura dos regimes militares, os cães de guarda da padronização que avançava contra a movimentação intensa que ocorria na América Latina.

Após o fim dos governos militares, havia o atraso cultural e econômico, e a ausência cravada entre os nomes dos mortos e desaparecidos. O pensamento crítico, na urgência de recompor formas capazes de abrigar uma gama extensa de demandas, concentrou no ensaio a multiplicidade das interrelações entre as áreas do conhecimento e as linguagens da arte, da literatura e dos estudos sociais.

REFERÊNCIAS

ALBETINO, Orlando Lopes. O ensaio como tese, a tese como tese, a tese como ensaio: Prolegômenos a uma prática ensaística. Texto apresentado no Seminário “Especificidades da Poesia, da Literatura e do Poema”, realizado na Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

ANDRADE, Mário. *Obras completas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9ª edição. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CASTRO, Érica Gonçalves de. *Sobre o ensaísmo de Robert Musil*. Pandaemonium ger. (Online) no.17 São Paulo 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1982-88372011000100007&script=sci_arttext

EULALIO, A. “O ensaio literário no Brasil”. In. *Revista Serrote*. IMS. No 14, julho de 2013.

GARIN, Eugênio. *O homem renascentista*. Lisboa: Editorial presença, 1991.

GÓMEZ-MARTÍNEZ, José Luis. *Teoría del ensayo*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1981.

LIMA, Raquel Esteves. O ensaio na crítica literária contemporânea. *Revista de Estudos de Literatura*. Belo Horizonte, 1995.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 2012.

MONTAIGNE, M. *Ensaaios*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

NASCIMENTO, Evando. *Literatura e filosofia: diálogos*. Juiz de Fora: EdUFJF/ São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

ORTEGA Y GASSET, José. *Meditaciones del Quijote*. Buenos Aires: Espasa, 1942.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Crítica literária: em busca do tempo perdido?* Chapecó: Argos, 2011

SARAMAGO, José. Entrevista concedida a Horácio Costa, publicada pela Revista Cult (edição 17), 1998.

TODOROV, Tzvetan. *O espírito das Luzes*. Tradução Mônica Cristina Corrêa. São Paulo: Editora Barcarolla, 2008.

WEINBERG, Liliane. *Situación del ensayo*. Ciudad Universitaria: Centro Coordinador y Difusor de Estudios Latinoamericanos. Universidad Nacional Autónoma de México. México, 2006.

Recebido em 07/06/2016.

Aceito em 20/06/2016.